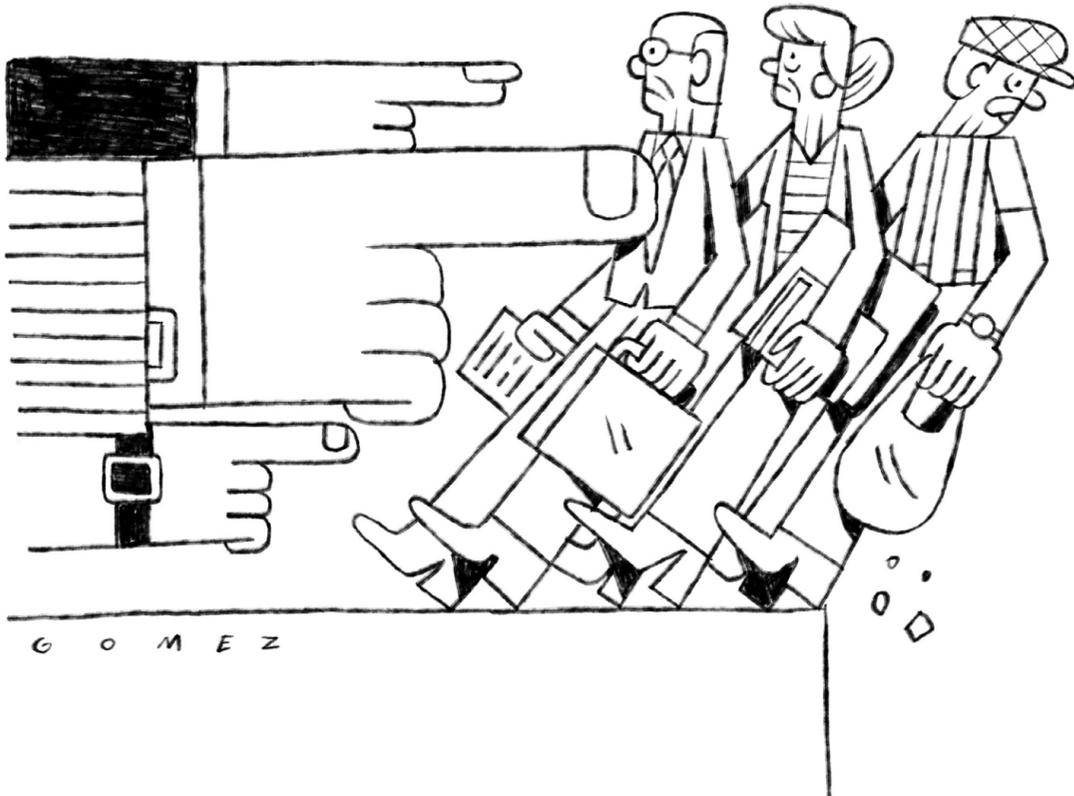


A gente não tem mais idade pra isso

» MONIZE MARQUES

Juíza e coordenadora da Central Judicial do Idoso (CJI) do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT)



É comum ouvir que somos seres inacabados, que estamos sempre em construção. Essa constante formação individual revela muito da nossa essência. Somos na velhice a continuação do que fomos a vida inteira. Recentemente, li uma reportagem que me fez refletir sobre esse curso da vida. Eram considerações a respeito do último álbum da cantora Madonna, que, nos dizeres da crítica, havia “perdido a mão” por causa da idade.

Desde a mocidade, em tempo mais conservador, a cantora aborda assuntos como feminismo e sexualidade. O passar dos anos confirmou a construção desse edifício disruptivo e ousado. Será que poderíamos esperar algo diferente agora? Penso que não. Todavia, os comentários referentes ao lançamento do seu último álbum evidenciam um comportamento preconceituoso que precisa ser enfrentado... Etarismo.

Como críticos, é aceitável não gostar do estilo musical dela. Como consumidores, podemos certamente recusar a produção artística da Madonna. Mas como gente, é inconcebível descredibilizar quem ela é por causa da idade. Se aceitarmos algo assim, submetemos diversas pessoas à discriminação etária. Só para contextualizar: Nelson Mandela assumiu a presidência da África do Sul aos 76 anos; Jonh B. Goodenough ganhou o Prêmio Nobel de Química em 2019 aos 97 anos; Cora Coralina publicou seu primeiro livro aos 76 anos; Paul McCartney, aos 78 anos, continua emocionando seu público; Ângela Merkel,

uma das mulheres mais poderosas do mundo, hoje tem 67 anos.

Em uma sociedade em que a convivência de várias gerações se torna uma rotina, é inconcebível práticas discriminatórias que imputem aos mais velhos a condição de decrepitude, incapacidade, inconveniência. A doutora Becca Levy, Ph.D. e pesquisadora da Universidade de Yale, após mais de 30 anos de pesquisa, comprovou que uma sociedade preconceituosa em relação à idade é capaz de impactar significativamente na expectativa de vida, já que a sobrevida diminui 7,5 anos. Mais do que isso, a pesquisadora ainda identificou que o aparecimento e a gravidade de várias doenças estão ligados à percepção depreciativa da velhice. Estima-se que a discriminação, estereótipos negativos de idade e autopercepção negativa do envelhecimento levam a US\$ 63 bilhões em gastos anuais excedentes em condições de saúde.

É nesse contexto que a modificação da estrutura demográfica exige a implementação de uma cultura acolhedora em relação ao envelhecimento e seus desafios. O combate à discriminação etária, também conhecida como ageísmo, etarismo ou idadeísmo, deve ser feito de forma intencional. A criação de espaços seguros para a promoção do envelhecimento é um ato de compreensão da vida em sua plenitude. Dessa forma, iniciativas que trazem à discussão práticas etaristas podem colaborar com a conscientização social, jogando luz em falas e comportamentos que foram normalizados, mas que

constituem violação de direitos. É urgente, pois, uma atenção especial a esse assunto.

Vale mencionar que o mundo está envelhecendo, mas o Brasil segue essa tendência de forma bastante peculiar, em face da velocidade desse fenômeno. Até 2032, Brasília terá mais idosos que jovens. É no sentido de assumir seu protagonismo na promoção da Justiça, que o TJDFT, por meio da Central Judicial do Idoso, tem atuado. A publicação de material a respeito do avanço demográfico e suas complexidades encontra amparo na Meta 9 do CNJ (Agenda 2030/ONU), além de atuar em consonância com a agenda das Nações Unidas, que instituiu recentemente A Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030.

E, para disseminar informações a respeito do Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006, o TJDFT lança a cartilha *Quem Nunca?* neste 15 de junho. Somente desmistificando situações corriqueiras de práticas discriminatórias se pode promover a dignidade na velhice. A normalização de estereótipos negativos em relação ao envelhecimento não corresponde às pesquisas científicas mais recentes, que evidenciam a consistência dos benefícios decorrentes da longevidade.

Não é à toa que o mundo envelhece... Não é à toa que precisamos resignificar a velhice. Não é possível permanecermos preconceituosos em relação ao envelhecimento. A gente não tem mais idade pra isso...

Ensino superior: o que fazer?

» EDA COUTINHO MACHADO

Fundadora do IESB e presidente do Conselho de Administração

O Correio Braziliense publicou, nos dias 3 e 4 deste mês, dois artigos sobre o ensino superior que me fizeram refletir muito. O primeiro, escrito por José Pastore, tem o título *Universidade gratuita ou paga?* O segundo foi escrito por Waldemiro Gremski, e tem o título *Ensino superior: não há alternativa senão mudar*. Esses são temas que sempre estiveram no meu dia a dia. Primeiro no meu mestrado e doutorado, feito na universidade Estadual da Pensilvânia (USA). E depois, já quando estava na Capes e Sesi (durante 18 anos) e coordenava programas para melhorar o ensino nas universidades brasileiras.

Voltei ao passado muitas vezes, desde que li os dois artigos, e vi quantas horas essas mesmas perguntas eram feitas por Claudio Moura Castro, Edson Machado e Hélio Barros, meus chefes na Capes. E outras perguntas ecoaram nos meus ouvidos: autonomia universitária; funções da universidade; universidade para todos; ensino técnico e tecnológico; avaliação como estratégia de melhoria e muitos outros.

Sobre o primeiro artigo, o do Professor José Pastore, *Universidade gratuita ou paga?*, tenho muita clareza sobre a minha resposta: quem pode pagar deve pagar. A maioria dos jovens cresceu estudando nas melhores escolas particulares tanto no ensino fundamental, quanto no médio. Portanto, devem continuar pagando na universidade e deixar que a gratuidade seja para alunos que não podem pagar.

Convivo, no meu dia a dia, com esse problema. Tem sido muito difícil para alunos da classe C poderem pagar suas mensalidades no IESB, sem que eles tenham descontos/bolsas para fazerem seus pagamentos na data certa. Se não fizermos isso, só estudará no IESB quem pode pagar. Já levei muitas pedradas em situações que esse assunto foi discutido. Mas o assunto, na minha visão, envolve valores e justiça social. E tenho sido coerente com meus valores a vida inteira.

Quanto ao segundo artigo, escrito pelo professor Waldemiro Gremski, mostrando o contexto de hoje, em que a tecnologia precisa ser abraçada pelas universidades e disponível para todos seus alunos, há necessidade de uma visão de futuro, que avalie o que acontecerá para as instituições que não tiverem recursos para uma grande mudança nos seus investimentos, e na sua filosofia de educação.

E sempre caberá aquela pergunta feita por homens como Whitehead, Humboldt, Clark Kerr: “Quais são as funções da universidade?” A pandemia e a ausência de tecnologia na maioria das instituições de ensino superior mostraram o quanto de atraso isso causou na aprendizagem dos alunos. Felizmente, em 2001, o IESB adquiriu a melhor plataforma de aprendizagem do mundo — o Blackboard. Nossos professores foram treinados no uso da plataforma e a tradução para o português também foi feita por dois professores nossos.

A grande vantagem do IESB foi que seus professores já utilizavam a plataforma e em uma semana as aulas estavam ocorrendo tranquilamente. Muitos professores se acostumaram tanto com o uso da tecnologia no seu dia a dia que vários comunicaram que, se pudessem, gostariam de dar suas aulas na modalidade remota. Por parte dos alunos, grande parte deles informaram que estavam muito felizes porque seus professores estavam mais solidários e preocupados com a aprendizagem.

Nesse sentido, viu-se que a pandemia obrigou todos os professores a usarem a tecnologia. Não havia outra saída. E muitos foram criativos e usaram em suas aulas encontros mediados pela tecnologia zoom e fizeram muitas lives. Em um dos cursos do IESB, foram feitas 156 lives. Hoje, a pergunta que está sendo feita para coordenadores e professores do IESB é a seguinte: “Já temos a tecnologia. Agora é preciso saber qual é o aluno que queremos?”

A visão de futuro do IESB precisa ser incansavelmente comunicada e socializada para que seja realizada na prática. O aluno que queremos ter é aquele que adquire a habilidade de pensar de maneira independente, que aprende a fazer as perguntas certas e pensar de maneira inovadora, com habilidades para planejar o futuro... E esse aluno precisa desenvolver habilidades interpersonais (soft skills) que o tornem um ser humano e um líder que fará as coisas acontecerem porque ele existe.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Cabra-cega

Existe de fato um vasto campo estrategicamente minado, separando os cidadãos eleitores e os candidatos, sobretudo aqueles que aparecem no topo das pesquisas. À semelhança ao que ocorria na antiga brincadeira de criança chamada de cabra-cega, os eleitores entram nesse processo de campanha sem enxergar ou ouvir o que ocorre diante deles. Ainda não existe a terceira via para se contrapor ao que se vê nos extremos, como também não há, por parte dos candidatos desejo algum de externar o principal elemento de toda e qualquer campanha eleitoral, que são os programas de governo.

Há um vazio de propostas e projetos para o enfrentamento dos reais problemas da nação, que são muitos e complexos. Não bastasse esse deserto de ideias e de candidatos, realmente devotados às causas públicas, por meio de currículos e ações, os cidadãos que conseguem vencer esse terreno cheios de armadilhas, chegando vivos e salvos até a cabine das urnas, terão que enfrentar e superar uma montanha de obstáculos colocados ao longo do tortuoso caminho.

Instituições que deveriam ser apartidárias poderiam contribuir muito para a informação dos eleitores, tornando-os mais esclarecidos e cautelosos. Mas parece que escolheram o caminho mais fácil ao se aliar a um e a outro lado.

No meio desse verdadeiro banzé, os candidatos mais cotados ainda se dão ao desprazer de anunciar, publicamente, que não irão aos debates, públicos. O tão zeloso e, ao mesmo tempo, desútil Código Eleitoral não obriga os candidatos se submeterem aos debates, o que, de certa forma, ajuda a esconder dos leitores, aqueles postulantes ao mais alto cargo da República, que não serviriam nem para porteiro de bússola.

O pior, se é que isso ainda seja possível, no caso das próximas eleições, é que os ataques, vis a vis, ao esconder a fragilidade dos candidatos, ainda reforçam, de forma vil, o extremismo e as lutas fratricidas. A imagem é perfeita: enquanto os urubus distraídos brigam ferozmente pela carniça, a onça e raposa, que a tudo, ardidamente espreitam, cuidam de comer a todos. Somem-se ainda a esse campo minado o fato de se ter elevado ao altar de adoração assuntos ainda bastante discutíveis, tornando esse mecanismo, asséptico, um item inatacável, dentro de regras absolutamente dogmáticas.

Com tudo isso, teremos que nos preparar para a mais surreal de todas as campanhas políticas experienciadas na história do Brasil. Os eleitores, colocados como protagonistas de segunda categoria, em todo o processo, têm duas opções pela frente: ou seguem como gado ordeiro rumo ao abatedouro, ou viram as costas para estas eleições, o que, nos dois casos, não resolveria nosso atual problema, que nesse caso, se resume em retirar a venda que cobre os olhos, saindo ileso desse jogo perigoso.

» A frase que foi pronunciada

“Uma mente livre nunca conclui. Uma mente cheia de conclusões é uma mente morta, não é uma mente viva. Uma mente viva é uma mente livre, aprendendo, nunca concluindo.”

Jiddu Krishnamurti

Literalmente

» Na história de Brasília, publicada em 1962, Ari Cunha, o criador desta coluna, escrevia exatamente o que acontece hoje em dia com a Água Mineral, criada em novembro de 1961. As piscinas, volta e meia, passam tanto tempo em manutenção que parecem um clube fechado.

Seres humanos

» Não querem publicidade, porque as duas vêm de países em guerra. Anna e Martina se conheceram no Telegram. Uma russa e a outra ucraniana. Enquanto uma guerra insana acontece com o mundo de braços cruzados, Brasília passa a ser o cenário de que a paz é possível.

Áudio-livro

» Pessoas saudáveis, ou as que não enxergam, idosos, apreciadores da rádio novela, falantes da língua portuguesa ou estrangeira, que queiram aprender mais sobre o nosso idioma têm agora a oportunidade de ouvir uma história intrigante. Ana e Djalmir Bessa, o autor, gravaram no YouTube capítulo por capítulo do livro *Coité*. As cenas acontecem durante a seca que assolou o nordeste da Bahia no final do século 19. Veja como acessar no *Blog do Ari Cunha*.

Adhocracia x burocracia

» Enquanto o RH da Câmara dos Deputados, de forma adhocrática, disponibiliza pela internet meios para o funcionário solicitar e receber on-line a declaração por tempo de serviço, o procedimento no GDF começa com um requerimento com entrada no protocolo, análise, pesquisa no dossiê e até 15 dias para resposta, bem burocrático.

Oportunidade

» Escola de Música para a meninada. As matrículas estão abertas e os cursos de diversos instrumentos, inclusive a voz, são gratuitos.

» História de Brasília

O *Country Club* é o clube mais fechado de Brasília. Está fechado até para os sócios, atualmente. (Publicada em 1/3/1962)